

O Silêncio na História do Cinema em face de Alice Guy Blaché¹

Amanda Lopes Fernandes²

Maria Ignês Carlos Magno³

Universidade Anhembi Morumbi

Resumo

Esse artigo é parte de uma pesquisa sobre Alice Guy Blaché, sua filmografia e o silêncio existente em torno de seu nome na história do cinema mundial. Com o objetivo de ampliar o conhecimento sobre a diretora, a proposta para essa comunicação é apresentar a partir de sua história e trajetória como realizadora mulher, a relevância de seu trabalho e a importância de sua produção cinematográfica no contexto da história do cinema.

Palavras-chave: História do cinema; Alice Guy Blaché; Mulher.

Introdução

Segundo Perrot (2005), a dificuldade em contar a História das mulheres se deve ao seu apagamento da narrativa histórica tradicional, visto que seu papel era secundário, como ornamento e objeto do olhar do homem. Mulvey (1973), nos lembra que somente depois da segunda onda do feminismo e o surgimento de diversos estudos em mídia e gênero é que foi possível a rememoração de histórias de mulheres pioneiras do cinema. Este trabalho tem por objetivo resgatar o nome de Alice Guy Blaché como uma das pioneiras do primeiro cinema, que desenvolveu sua carreira entre os anos de 1895 e 1922, realizadora de mais de 1000 filmes, entre longas e curtas-metragens. Após décadas de esquecimento, ela foi condecorada com a Legião de Honra do governo francês no ano de 1953, em reconhecimento a sua carreira como cineasta. Em 2012, foi homenageada com o *Lifetime Achievement Award* do prêmio *Director's Guild of America* (DGA). (BLACHÉ; BLACHÉ, 1996)

¹Trabalho apresentado no GP Cinema, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda em Comunicação Audiovisual da UAM, email: amanda_lopes0@hotmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do curso de Comunicação Audiovisual da UAM, email: unsignister@gmail.com

Para isso, propõe-se uma revisão da História do Cinema lecionada nos Cursos de Cinema, incluindo-se o nome da diretora nos livros mais utilizados para essa disciplina.

A História do cinema e Alice Guy Blaché

O cinema é um conjunto de literatura, teatro, fotografia, escultura, pintura, desenho, música, moda e tecnologia, incluindo o registro do tempo e seus movimentos. Um invento que foi desenvolvido ao longo dos séculos XVI, XVII e XVIII, por diversas mãos ao longo da história – uma evolução da pintura, fotografia e lanterna mágica. Com a clara intenção de dar movimento às imagens estáticas, o cinema foi precedido por diversos outros experimentos artísticos. Toda história tem um recorte, um olhar, uma escolha, que determina que a narrativa seja contada de certa maneira. O que é evidenciado dentro do quadro ou fora dele é o que produz a narrativa. (AUMONT et al., 1995)

Sua capacidade de produção e reprodução de sentidos e sua contribuição para a democratização das relações sociais, em sentido amplo, deriva das maneiras como as narrativas repetem (ou não) papéis sociais e culturais associados ‘naturalmente’ aos diferentes grupos sociais. (JORDÃO; MENDONÇA, 2010, p. 176)

Os fatos mais citados nos livros de cinema e que configuram sua história, datam de 1892 quando Thomas Edison pediu o registro da patente do cinetoscópio, aparelho que exibia filmes individuais em *looping*. A fama do invento chamado cinema ficou para os irmãos Auguste e Louis Lumière que, em dezembro de 1895, fizeram a exibição do seu lançamento no *Grand Café* em Paris. Cinematógrafo foi o nome da sua criação, uma melhoria da invenção de Edison, mas que conseguia projetar os filmes para diversas pessoas. (COSTA, 2006)

O cinema acaba por se caracterizar como a exibição de um filme para diversas pessoas, ao mesmo tempo, em uma sala escura com uma tela grande e um projetor. Os nomes que aparecem nos livros didáticos como pioneiros do cinema são os irmãos Lumière, George Meliès, William Dickson, Edwin S. Porter, Thomas Edison. Na segunda década do cinema, podemos apreciar um grande desenvolvimento na

linguagem cinematográfica, parte creditada à D.W. Griffith, que produziu mais de 400 filmes durante esse período. (COSTA, 2006).

As mulheres artistas passam pela história como meras sombras, isoladas umas às outras. Dado que seus feitos e criações ficaram em sua maioria sem efeito, com raras exceções absorvidas pela tradição masculina, não é possível construir retrospectivamente uma contra tradição independente. (BOVENSCHEN; ECKER, 1985, p. 32).

Na França, Alice Guy, tem sua produção equiparada a Griffith e produziu mais filmes durante esse mesmo período. Guy nasceu em 1873, em Paris, e morreu aos 94 anos nos Estados Unidos, tendo em seu currículo mais de 455 créditos como diretora e mais de 1000 filmes produzidos no total. Dentre eles, o primeiro grande *blockbuster* cristão *La Vie Du Christ* (BLACHÉ, 1906), com 25 cenários, centenas de figurantes e duração de 34 minutos, sendo o filme mais longo lançado até aquele momento (BLACHÉ, 1906a). Este feito foi superado no mesmo ano, pelo filme australiano *The Story of the Kelly Gang*, com duração de 70 minutos. Segundo André Gaudreault, professor de estudos de cinema na *Université de Montreal Historian of Early Cinema*,

podemos observar o uso de profundidade de campo e, às vezes, até sete níveis de camadas de profundidade de campo utilizados em uma cena. Como também podemos observar o uso de diferentes níveis de iluminação e composição de uma *mise-en-scène* requintada para as produções da época. O historiador comenta que o filme foi atribuído ao seu assistente Victorin Jasset e somente depois dos anos 80, foi corrigido este fato. (LEPAGE, 1995)

Com sua natureza inovadora, escreveu e dirigiu o filme *Les Résultats du féminisme*, em 1906, onde traz a tona o que seria uma visão do mundo feminista no início do século XX. Ela alfineta o machismo e o contrapõe. (BLACHÉ, 1906b)

Durante esta pesquisa, investigamos o documentário do ano de 1995, *The Lost garden: The life and cinema of Alice Guy Blaché*, com direção de Marquise Lepage, produção do *National Film Board of Canada*, co-produção de Gaumont, *Radio e TV Belge Flamande*, *Société Radio - Canada*, *Bravo!*, *Centre National de la Cinematographie*, *Institut National de l'Audiovisuel*, *British Film Institute*, *Image*

Bank. E através dele conseguimos percorrer o rastro deixado por Alice Guy na História do cinema.

O documentário começa com a imagem de Adrienne Blaché Channing abrindo um álbum de fotografias e logo inicia sua narração que nos acompanha em grande parte do filme e ela diz: Minha vó tinha cabelo branco como a nuvem, usava chapéus engraçados e tinha mãos macias que eu nunca poderia imaginar o que essas mãos tinham uma história. Na sequência, vemos Alice Guy Blaché de cabelos brancos frente à câmera e o assistente de direção bate uma palma com suas mãos frente ao seu rosto e a Guy prontamente fala: eu não me maquiei. E diretora Lepage responde que ela está adorável desta maneira.

História de Alice Guy Blaché

Alice Guy nasceu em 01 de julho de 1873 na França, na sua infância morou por um período no Chile, era filha de um vendedor de livros que ao perder tudo na América do Sul retorna com sua família para França. Aos 18 anos Alice já havia perdido seu pai e seu irmão, restava-lhe a mãe e irmã. Ela conta na entrevista dada a um canal de TV na década de 50, que tinha um amigo que foi seu primeiro amor, ele tinha 75 anos e chegou a pedi-la em casamento. Alice comenta que se casaria com ele, mas que a diferença de idade fez com que permanecessem amigos. E dessa amizade começa nossa história. Esse amigo foi até a casa de Alice falar com sua mãe para que ela fizesse um curso de datilografia, porque esse curso estava em alta e isso poderia lhe render um emprego bom. Em pouco tempo, ela estava empregada e até ensinando na escola de datilografia, o auge foi dar aulas para as secretárias do parlamento francês. Passados três anos, esse mesmo amigo que lhe deu a dica do curso de datilografia indica Alice para uma vaga na *Société de photographie France*. Chegando para sua entrevista, ela procura Richard, que era quem seu amigo havia informado para procurar, como ele não estava foi atendida por Léon Gaumont, que ainda não tinha se tornado dono da companhia. A entrevista inicia com Gaumont falando para Alice:

Léon Gaumont: Você pode vir com uma alta recomendação, senhorita, mas este posto é muito importante para uma moça tão jovem. Neste posto você pode ascender rapidamente.

Alice Guy: Nós vamos envelhecer fazendo isso.

Léon Gaumont ri se levanta da cadeira e diz: Nós veremos se isso é possível. (LEPAGE, 1995)

Estamos em 1894, Gaumont era nove anos mais velho que Alice, ela estava com 21 anos, e a partir deste dia, se tornou secretária nesta companhia. Gaumont foi convidado pelos irmãos Lumière para a apresentação de sua invenção, o cinematógrafo. O dia que viria a se firmar historiograficamente como o dia da invenção cinema, com a apresentação de uma câmera que filmava e projetava filmes, e em conjunto surge outra criação, a da primeira sala de cinema em 28 de dezembro de 1895. Alice, por trabalhar na companhia, também recebeu um convite e compareceu ao evento, George Mèlies também estava presente entre os convidados. (BLACHÉ; BLACHÉ, 1996)

Gaumont era um engenheiro e também visionário em sua companhia. Fabricava câmeras fotográficas e estava trabalhando em um protótipo de câmera com imagens em movimento, mas com a apresentação dos Lumière ele perde a oportunidade de registrar sua invenção. Pouco tempo depois, começa a fabricar câmeras para cinema. Alice fala em depoimento que, ao sair da apresentação dos Lumière, já havia percebido a importância daquela invenção. E complementa: Eu, como amava livros, filha de um vendedor de livros, já havia feito um curso de teatro amador, logo pensei: há algo melhor para ser feito com isso. E sugeri ao Gaumont que eu filmasse algumas cenas. Ele diz: Até parece que uma menina boba, pensa que pode fazer isso?! (LEPAGE, 1995)

As cineastas exploram o problema da definição do feminino numa situação onde as mulheres não têm voz ativa, não tem discurso, não tem lugar de onde possam falar, e examinam os mecanismos através dos quais as mulheres são relegadas à ausência, ao silêncio e à marginalidade, tanto da cultura como nos textos clássicos e no discurso dominante. (KAPLAN; PESSOA, 1995, p. 27)

Mesmo parecendo não ceder inicialmente ele autoriza que ela tente, mas pede que não faça durante seu horário de trabalho como secretária e que não prejudique seu desempenho. Um ano depois, Alice filma seu primeiro vídeo *La Fée aux choux* (A Fada do Repolho; 1896), que narra a história de um casal que decide ter um bebê e procura as fadas para escolher seu filho. Ao chegar ao local onde as fadas atendem, elas retiram os bebês de repolhos e apresentam aos futuros pais para escolher o bebê, até que

eles escolhem e vão embora felizes com a criança. Foram vendidas 80 cópias deste vídeo que fizeram um sucesso absoluto, fato esse que não agradou Gaumont totalmente, pois Alice relata que ele logo percebeu que teria que aumentar os investimentos e ele não estava muito confortável com isso. (LEPAGE,1995)

Este filme, atualmente, só tem um pedaço que pode ser assistido via *Youtube*, mas, no documentário, são mostradas algumas cenas diferentes das disponíveis na internet atualmente, vemos duas fadas com figurinos muito elaborados, cenários e uma *mise an scène* completa. Alice conta que neste filme, somente um bebê era real, todos os outros eram bonecas e que a mãe do bebê estava muito aflita durante as filmagens. Sem saber, Alice acaba por criar, seis meses antes de Georges Méliès, o que viria ser o cinema de ficção e com isso também os cargos de direção, produção e roteirista. Ela antecipa o primeiro conteúdo teórico de cinema e cria grande parte do vocabulário. O filme apresenta dois cenários distintos e três personagens devidamente caracterizados, uma direção de arte completa, com bebês falsos e repolhos também compõe a cena. Apresenta uma montagem em contiguidade, que respeita a continuidade e relações espaciais, descaracterizando por completo esse filme como do cinema de atrações. (COSTA, 2006)

No documentário de Lepage, somos apresentados ao atual presidente da companhia Gaumont, Nicolas Seydoux, que abre o vídeo falando de Léon Gaumont e do quanto o fundador é lembrado como visionário. Recorda que a companhia também possui o primeiro cinema do mundo, o *Gaumont Palace*. A companhia ainda hoje, é a maior companhia do mundo em conteúdos audiovisuais. Seydoux nos faz recordar da importância do trabalho de Alice Guy ao lado de Gaumont e comenta que ela foi a primeira pessoa no mundo que escreveu, produziu e dirigiu um filme. Gaumont desenvolveu as técnicas de som e cor, ainda nos primeiros anos do nascimento do cinema. Alice foi a primeira a testar as novidades e se tornou uma representante comercial destes equipamentos para os possíveis novos clientes de seu empregador, muitas vezes fazendo apresentações de seus filmes. Seydoux afirma que Alice dirigiu, entre 1900 e 1907, mais de 100 filmes com som sincronizado e coloridos (LEPAGE,1995). Fato esse que confirmamos no arquivo de Alison McMahan no *site www.aliceguyblache.com*. (BACHY; MCMAHAN,2014)

Alan Williams, especialista em história do cinema francês e autor de *Republic of the images: A history of French Filmmaking*, nos conta que Alice trabalhou um total de 11 anos ao lado de Gaumont e nos faz pensar sobre o porquê Gaumont deu tanto poder para Alice Guy, 50 anos antes das mulheres adquirirem direito a voto? E emenda que Alice conquistou este espaço através de sua competência, pois naquele tempo não havia ninguém tão capaz quanto Guy. Alan também comenta o que pensa sobre os motivos do nome de Alice ter sido ocultado em seus próprios filmes, o autor acredita que muitos dos motivos devem ter sido, por ninguém acreditar que uma mulher seria capaz de realizar aqueles feitos, e outros que poderiam ser uma maneira de esconder a autoria de Guy. Ela é a primeira mulher na história do cinema a ser chefe ou diretora de um estúdio. Alan também credita a Guy o estilo dos filmes de Gaumont, que incluía cenários ao ar livre, com locações reais. Para Guy, o cinema era um processo de exploração e descoberta. (LEPAGE, 1995)

Em 1907, Alice é convidada por Gaumont para participar de uma apresentação do seu equipamento de sincronização em Berlim, a diretora informa que não saberia falar a língua e Gaumont contrata Robert Blaché para ser o tradutor de Alice, durante a viagem. Eles retornam de viagem apaixonados e se casam. Gaumont oferece a Guy que vá aos Estados Unidos para promover as vendas do equipamento de sincronização de som. Ela e Robert embarcam juntos rumo a uma nova vida. Em setembro de 1910, juntos fundam a companhia Solax e começam a produzir; em 1912, se mudam para New Jersey e criam seu próprio estúdio. Neste mesmo ano, Alice é considerada a mulher com maior salário dos EUA, com um valor de 5.000 dólares ao ano. (BLACHÉ; BLACHÉ, 1996)

Anthony Slide, historiador de cinema, editor do livro *The Memoir of Alice Guy Blaché*, ressalta que Guy foi a primeira a filmar com crianças, animais, e a primeira a realizar um filme de ação com piratas. Utilizaram um barco real nas filmagens e foi queimado durante uma cena. O filme custou 35 mil dólares e Guy utilizou três câmeras distintas para captar as cenas. O historiador comenta que Guy se utilizava de *close-ups* e de uma atuação menos teatral e conta que ela espalhava por seus estúdios a frase, *Be Natural* (Seja natural) e que esse simples aviso, foi o que elevou a sua forma de encenação em seus filmes. Slide cita a importância da amizade dela com a atriz Olga Petrova que era uma feminista declarada na época. (LEPAGE, 1995)

Roberta Blaché, sua nora nos conta que Alice gostava de assistir seus filmes junto com seu público, para sentir a recepção deles, fazia anotações sobre tudo que ocorria na sessão. Também afirma que Guy lia tudo que saía a seu respeito nos jornais e que fazia anotações ao lado corrigindo os erros dos escritores. (LEPAGE, 1995)

Alison McMahan, que participa da American Academy, é a escritora do livro *Alice Guy Blaché, Lost Visionary of the cinema*, questiona: seria Alice Guy uma feminista? E responde que não há registros que comprovem esta questão, porém, nos propõe uma observação de seus filmes para que possamos verificar que seus personagens sempre tentarem a igualdade de direitos, fato esse que não ocorria na sociedade naquele tempo e nem nos dias atuais. (LEPAGE, 1995)

Os últimos filmes em que Alice Guy Blaché atuou foram como assistente de direção de Herbert Blaché, *The Brat* (1919) e *Stronger Than That* (1920). Divorciaram-se em 1922, Alice retorna para a França e não produz mais nenhum filme, mas chegou a publicar algumas histórias infantis. (MCMAHAN, 2014)

McMahan comenta que em 1920, Alice ajudou a colocar uma publicação no jornal dizendo que as mulheres já estariam prontas para votar. E nos conta que Guy dirigiu comédias, *westerns* e dramas, muito antes de Chaplin e Buster Keaton. Guy durante sua vida, tentou publicar seu livro de memórias e não conseguiu, sendo este lançado somente em 1975, oito anos depois de sua morte. Guy também procurou diversos escritores e teóricos do cinema para pedir a inclusão de seu nome da história do cinema. Sadoul, a quem a diretora já havia pedido retratação, até cita seu nome, mas como mera secretária e atribuindo a um dos assistentes de Alice a autoria de alguns de seus filmes. (LEPAGE, 1995)

A Gaumont foi para Pathé um rival bem diferente. Leon Gaumont, diretor do *Comptoir General de Photographie*, tinha por muito tempo considerado a venda de aparelhos como sua principal indústria, e o comércio de filme como uma atividade acessória. Sua secretária, Alice Guy, encarregou-se durante muito tempo das encenações. Ela estreou em 1898, com *Les Méaventures d'une Tété de Veau* (As Desventuras de uma Cabeça de Vitela), e abordou em seguida todos os gêneros: pequenas mágicas, balés cômicos - *La Premiere Cigarette* (O Primeiro Cigarro), ou dramas inspirados em ocorrências policiais - *L'Assassinat de la Rue du Temple* (O Assassinato da Rua do Templo). Em 1905, os êxitos de Pathé decidiram a Sociedade Gaumont a empreender a produção cinematográfica em grande escala. Mandaram construir em Buttes-Chaumont o maior estúdio do mundo, vestíbulo de vidro onde poderiam caber vinte instalações iguais á de Méliés.

Vitorin Jasset, antigo organizador de pantomimas de grandes proporções no Hipódromo, depois de *Réves d'un Fumeur d'Opium* (Sonhos de um Fumador de Ópio), colaborou com Alice Guy em *Vida de Nosso Senhor Jesus Cristo*, filme destinado a fazer concorrência à *Paixão*, de Pathé. Jasset aliou o estúdio aos cenários naturais de Fontainebleau. Foi uma obra suntuosa e sem ingenuidade, inspirada pelas aquarelas acadêmicas de James Tissot, laureado do Salão de Arte. Em desacordo com Léon Gaumont, Jasset associou-se a Georges Hatot para produzir sem êxito filmes em Marselha. Quando Alice Guy deixou os *Studios Gaumont*, Louis Feuillade passou a ser o seu diretor artístico. (SADOUL, 1963, p.59)

Considerações

Como uma história dessas é ignorada pela academia? Ao explorar os livros de Fernando Mascarello, podemos confirmar que o nome de Guy não consta. Passei quatro anos cursando cinema e Alice Guy Blaché sequer foi citada. Não me recordo de nenhum curta metragem dela ser apresentado aos alunos do curso da turma da qual fazia parte. Estamos em 2019 e essa história continua a ser ignorada, assim como tantas outras mulheres que são silenciadas somente pelo fato de não serem referenciadas.

O cinema é uma prática cultural que reproduz ideias sobre gênero e sexualidade através da representação. Toda história tem como função produzir subjetividades e, se o ponto de vista for sempre do homem, dificilmente teremos a verdadeira subjetividade feminina perpetuada na história. As histórias têm a capacidade de conceder poderes e posições de prestígio, e negar a fala das mulheres é silenciar a verdadeira história ao conhecimento de todos. (BOVENSCHEN;ECKER, 1985)

Segundo Elizabeth Kaplan, no cinema clássico a narrativa é estruturada pelo e para o olhar masculino; uma saída seria um contra cinema feminista, que negasse as estratégias narrativas e imagéticas do cinema clássico hollywoodiano. A mulher é educada com base em narrativas escritas e perpetuadas por homens e ela se identifica com esse olhar masculino, o que dificulta muito a transição desta estrutura narrativa e imagética masculina. (KAPLAN; PESSOA, 1995)

O cinema, ao produzir imagens, marca posições e papéis sociais, exprimindo e impondo crenças em um quadro imaginário da coletividade. Neste sentido, a imagem é categoria fundamental para compreender a potencialidade do cinema, ao conferir sentido e significado de valor, as próprias imagens produzidas. (TEIXEIRA FILHO; ANACLETO, 2013, p. 577)

O feminismo, desde sua primeira onda, surge com objetivo de inserir as mulheres nos espaços públicos e equiparar direitos. Elizabeth Ann Kaplan, autora do livro *As Mulheres e o cinema: os dois lados da câmera*, lançado em 1983 e traduzido para o Brasil em 1995, diz em sua introdução que sua esperança é que alunos de graduação e não especialistas, tenham acesso ao conteúdo já desenvolvido em pesquisa acerca da história e teorias críticas feministas. Com esse artigo, venho aqui reforçar o pedido de todas as teóricas aqui citadas e trazer novamente a reflexão sobre a História do Cinema contada atualmente no mundo e propor uma revisão acerca da história das mulheres. Com isso, espero que mais mulheres tenham motivação e referências para ocuparem ainda mais os espaços públicos.

Referências bibliográficas

- AUMONT, Jacques et al. *A estética do filme*. 9.ed. Campinas: Papyrus, 1995.
- BACHY, Victor.; MCMAHAN, Alison. *Sound Films Directed by Alice Guy*. 2014. Disponível em:
<http://aliceguyblache.com/sites/default/files/pdfs/Sound_Films_of_Alice_Guy_Blache.pdf>.
Acesso em: 10/11/2017.
- BLACHÉ, Alice Guy. *La Vie Du Christ*. 1906a. Vídeo. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=PME6dS6ocp8>>.
- BLACHÉ, Alice Guy. *The Consequences of feminism*. 1906b. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=bIPMbkHQO3w>>. Acesso em:06/11/2016.
- BLACHÉ, Alice Guy.; BLACHÉ, Tradução Roberta e Simone. *The Memoir of Alice Guy Blaché*. 2.ed. [S.1.]: The Scarecrow Press Inc, 1996.
- BOVENSCHEN, Silvia.; ECKER, Gisela (Org.). *Existe uma estética feminista?*. [S.1.]: Icara Editora, 1985. (Estética Feminista).
- COSTA, Flávia. Primeiro Cinema. In: MASCARELLO, Fernando (Org.) *História do cinema mundial*. Campinas, SP: Papyrus Editora, 2006.
- JORDÃO, Janaina.; MENDONÇA, Maria Luiza. *Domésticas no Cinema: identidade e representação*. In: INTERCOM, São Paulo:. (Ed.). BARBALHO, Alexandre (Org.) FUSER, Bruno (Org.) COGO, Denise (Org.). São Paulo: INTERCOM, 2010. v.5, p. -333. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0750-1.pdf>>.
- KAPLAN, Elisabeth Ann.; PESSOA, Tradução de Helen Márcia Potter. *A mulher e o Cinema: os dois lados da câmera*. [S.1.]: Rocco, 1995.
- LEPAGE, Marquise. *The Lost Garden: The life and cinema of Alice Guy Blaché*. Canada: [s.n.], 1995. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zli0mysaUeU>>.
- MCMAHAN, Alison. *Alice Guy Blaché: Lost Visionary of the Cinema*. [S.1.]: Bloomsbury, 2014.
- MULVEY, Laura. Prazer Visual e Cinema Narrativo. In: PRAZER VISUAL E CINEMA NARRATIVO, 1973. [S.1.], 1973. p.437 - 453. Acesso em: 29/06/2017.
- PERROT, Michelle.;RIBEIRO, Tradução Viviane. *As mulheres ou os silêncios na História*. Bauru: EDUSC, 2005.
- SADOUL, Georges. *História do cinema mundial: das origens aos dias atuais*. São Paulo, Martins, 1963, 2 vols.
- TEIXEIRA FILHO, Fernando Silva.; ANACLETO, Aline Ariana Alcântara. *A REFLEXÃO DE UMA ESTÉTICA FEMINISTA NO CINEMA BRASILEIRO*. In: ANAIS DO COLÓQUIO NACIONAL DE ESTUDOS DE GÊNERO E HISTORIA, 2013. LHAG/UNICENTRO, 2013. p.572-581. Disponível em: <<http://sites.unicentro.br/wp/lhag/files/2013/10/Aline-Anacleto-e-Fernando-Teixeira-Filho.pdf>>. Acesso em 09/10/2016.